

A narrativa é uma fonte de informação?

Cássia Oliveira¹

Podemos falar sobre a narrativa a partir de três perspectivas diferentes: a narrativa como o ato de narrar um acontecimento, uma experiência vivida; a narrativa como instrumento metodológico de pesquisa e a narrativa como fonte de informação. Proponho neste ensaio uma reflexão entre a poesia e os rigores conceituais sobre os usos e procederes que ajudam a compor esse campo de pesquisa e estudos representado pela narrativa.

O ensaio “o narrador”, de Walter Benjamin, foi escrito no ano de 1936 no contexto entre guerras e tratou do tema da narrativa na modernidade capitalista com o objetivo de discutir sobre a arte de narrar e o seu declínio num contexto de tantas mudanças. Benjamin expressa esse contexto de mudanças quando diz que “uma geração inteira que ia à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens”.

Uma geração que se via dominada por uma “nova forma de miséria” em virtude da relação com o desenvolvimento da técnica. Essa indesejada novidade, segundo Benjamin, era a “angustiante riqueza de ideias que se difundiu entre, ou melhor, sobre as pessoas” e que representava mais uma “galvanização” que uma “renovação autêntica” (BENJAMIN, 1994, p. 115).

Dentre as crises e contradições que surgem nesse contexto de muitas mudanças radicais e que são colocadas por Benjamin neste ensaio, enfatizo as que nos auxiliam para o entendimento sobre que narrativa é essa a que Walter Benjamin se refere e que crise é essa na narrativa, provocada por estas mudanças. Porque essas mudanças foram tão decisivas para o que ele chamou de declínio e morte da narrativa? E mais importante: o que é uma narrativa?

A narrativa é a capacidade de transmitir conhecimento de pessoa para pessoa. A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. O narrador retira da experiência o que ele conta: da sua própria experiência ou da experiência relatada por outros. O narrador é um artesão da palavra

¹ Atualmente é professora substituta no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Possui graduação em Biblioteconomia, especialização em Cinema e Educação e mestrado em Arte e Cultura Visual.

que costura suas histórias a partir dos fios da experiência coletiva, da tradição e dos costumes. O narrador tem a autoridade do conselho, ele figura entre os mestres e sábios, porque pode recorrer ao acervo de toda uma vida, uma vida construída por meio das suas próprias experiências e as experiências dos outros, as experiências coletivas.

Benjamin narra uma história, contada por *Herodoto*, a quem ele considera como o primeiro narrador Grego. A história conta a derrota de um rei egípcio cujo nome é *Pssamenit*. Esse rei foi derrotado pelo rei persa *Cambises*, que resolve humilhar o seu cativo. *Cambises* deu ordens para que *Pssamenit* fosse posto na rua onde passaria o cortejo triunfal dos persas, de modo que pudesse ver sua filha degradada a condição de escrava. Enquanto os egípcios se lamentavam pelo o que viam, *Pssamenit* ficou silencioso, imóvel e com os olhos voltados para o chão. Em seguida viu seu filho caminhando no cortejo para ser executado. *Pssamenit* continuou silencioso, imóvel e com os olhos voltados para o chão. Mas quando viu seu criado, um pobre miserável, na fila dos cativos, golpeou sua cabeça com os punhos mostrando sinal do mais profundo desespero.

O que essa narrativa revela? O que ela desperta em seus ouvintes, ou no caso deste ensaio, em seus leitores? Quais conclusões você poderia tecer como ouvinte e leitor desta narrativa? Benjamin pergunta: porque o rei egípcio só lamenta quando reconhece o seu criado? E em seguida apresenta algumas respostas: “o rei já estava tão cheio de tristeza que uma gota a mais bastaria para derrubá-lo”, ou “o destino da família real não afeta o rei porque é seu próprio destino”, ou “muitas coisas que não nos afetam na vida, nos afetam no palco e para o rei o criado era apenas um ator”, e por último, “as grandes dores são contidas e só irrompem quando acontece uma distensão”.

O que Benjamin quer mostrar com estas respostas é exatamente a grandeza de uma boa narrativa, que nada impõem a quem a ouve. A boa narrativa não determina pressupostos psicológicos. Ela permite que o ouvinte possa ser mergulhado naquilo que se ouve e ao sair daí, retirar aquilo que lhe importa. E jamais podemos usar uma narrativa para aplicar ensinamentos morais para as crianças. O livro, a leitura e a narrativa são objetos de fruição e imaginação, de deleite e expansão da experiência humana. Nos servem para ampliar nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. Em hipótese alguma devem ser utilizados como instrumentos de controle. A isto a narrativa não se dedica.

Segundo Benjamin (1994), a compreensão ampla do reino narrativo só pode ser alcançada por meio da imbricação, da interligação, da mistura de duas representações arcaicas de narradores: o camponês sedentário, que conhece suas histórias e tradições e o marinheiro comerciante, que vem de longe e como viajante tem muito o que contar. Esses dois grupos interpenetrados oferecem um sentido completo, dilatado e extenso da narrativa. Percebam que os dois grupos são movimentados por suas experiências vinculadas ao longe espacial das terras distantes e ao longe temporal dos acontecimentos anteriores, da tradição e dos costumes.

O bom narrador cultivava um outro tempo para tecer suas histórias. Este tempo é artesanal, está fundado na experiência do trabalho manual. Com a revolução industrial, a relação com o trabalho muda radicalmente. Há uma fragmentação do processo e os trabalhadores produzem algo com o qual já não se identificam mais, já que para cada um fica a responsabilidade de um pequeno pedaço de um processo maior.

Um sapateiro produzia seu sapato do começo ao fim, em um outro tempo, se identificando com aquilo que fazia. Em nosso tempo presente, cada um bate o seu prego dentro do seu pequeno quadrado e não conhece ou se identifica com aquilo que produziu. O filme de *Charles Chaplin*, *Tempos Modernos*, ilustra bem esta nova experiência com o trabalho, resultado do uso avançado das novas técnicas e tecnologias da Revolução Industrial.

O progresso resumiu a vida coletiva em experiências abreviadas e individuais, exatamente o oposto daquilo que Benjamin diz ser fundamental para a construção de uma boa narrativa. A narrativa se constitui a partir das experiências coletivas e de um tempo dilatado e "o homem de hoje não cultivava o que não pode ser abreviado" (1994, p. 206). Nesta vida que inventamos, não há espaço para o tempo lento e esparramado da narrativa, pelo menos não no sentido da narrativa que Walter Benjamin nos apresenta.

Ademais, o romance e a informação são formas de comunicação, que segundo o autor, foram decisivas para a morte da narrativa. O romance é essencialmente vinculado ao livro, não procede nem alimenta a tradição oral e sua origem é o indivíduo isolado que não pode mais falar exemplarmente das suas experiências.

Já a informação nos apresenta os fatos acompanhados de explicações, ela exige uma verificação imediata e precisa ser compreensível em si e para si, impondo, portanto, pressupostos psicológicos. Ao seu leitor não sobra nada além do já dito e

comprovado, ademais o seu prazo de validade é de curta duração, tendo um sentido momentâneo.

Numa outra perspectiva, podemos discutir sobre as narrativas do ponto de vista metodológico, cujo objetivo é o de fundamentar sistematicamente as pesquisas a partir do seu uso. Me refiro à abordagem metodológica da pesquisa narrativa que se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis (CONNELLY e CLANDININ, 2008).

A narrativa tem sido estudada no campo da metodologia científica, que entende que as histórias narradas podem apresentar aos investigadores, aspectos da realidade de um determinado contexto que os métodos tradicionais de pesquisa não conseguem apontar. A pesquisa narrativa está organizada a partir de um conjunto de técnicas e métodos para o levantamento de dados que torna a narrativa como uma fonte de informação confiável. Esta experiência metodológica tem sido defendida por teóricos de várias áreas do conhecimento: das Artes, da Educação, da Informação, da Comunicação, da Medicina, da Psicologia, da Antropologia, dentre outros.

As Fontes de Informação, como uma área de pesquisa e estudo, é o resultado de uma explosiva produção Literária Científica desde a Revolução Científica nos séculos XVI e XVII e de maneira mais acirrada e decisiva com a Sociedade da Informação no século XX. A Ciência promoveu novas ferramentas para interpretar o mundo e estas ferramentas estão baseadas num conhecimento científico que só é possível a partir de um conjunto de regras.

Uma das regras é que todo conhecimento produzido deve obrigatoriamente ser compartilhado com uma comunidade de pesquisadores e cientistas. Dessa produção científica publicada em canais formais e informais com audiências e formatos diversos, têm-se conseqüentemente uma série de documentos: relatórios, artigos, livros, palestras, resumos, apresentações, dissertações, teses etc.

Uma fonte de informação, portanto, é tudo aquilo que proporciona informação requerida por uma pessoa ou instituição. Podemos dizer que existem fontes de informação mais tradicionais como as constituídas a partir de formatos mais comuns para a literatura científica, e fontes de informação como a oralidade e a narrativa que ainda não se firmaram para o conhecimento científico e acadêmico como um todo, mas que vem ganhando importância para muitas áreas do conhecimento por revelar contextos sociais mais amplos sobre assuntos diversos.

Portanto, pensar a narrativa como fonte de informação, é se valer das histórias contadas pelos inúmeros narradores anônimos (griôs, rezadeiras, pessoas do campo, benzedadeiras etc) para incorporar nas pesquisas o que os dados tradicionais e quantificáveis são incapazes de apresentar.